ISSN 2594-9063

https://doi.org/10.30681/traos.v10i1.14511

Inimigo, anticristo, príncipe das trevas: manifestações eufêmicas para nomear o referente diabo nos dados do Projeto ALiB

Enemy, antichrist, prince of darkness: euphemistic expressions to name the devil in the ALiB Project data

Geisa Borges da Costa1
Universidade Federal da Bahia

Como citar este trabalho:
COSTA, G. B. da. Inimigo, anticristo, príncipe das trevas: manifestações eufêmicas para nomear o referente diabo nos dados do Projeto ALiB. **Traços de Linguagem**, v. 10, n. 1, p. 9-18, 2026.

RESUMO: Este estudo léxico-semântico analisa o emprego de eufemismos nas designações para o item lexical *diabo* utilizadas por falantes de dois estados nordestinos (Piauí e Ceará). A investigação orienta-se pela abordagem teórico-metodológica da Dialetologia Pluridimensional Contemporânea (CARDOSO, 2010; THUN, 1998) e os dados foram coletados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil. O universo da religião e das crenças mostrou-se bastante profícuo para o emprego de eufemismos, pois o referente *diabo* foi substituído por expressões mais atenuantes, como *demo, anticristo, príncipe das trevas, capetinha, besta-fera.*
PALAVRAS-CHAVE: Léxico. Eufemismo. Religião e Crenças

ABSTRACT: This lexico-semantic study analyzes the use of euphemisms in the designations of the lexical item devil used by speakers from two northeastern states (Piauí and Ceará). The investigation is guided by the theoretical-methodological approach of Dialectology Pluridimensional Contemporary (CARDOSO, 2010; THUN, 1998) and the data were collected by the Linguistic Atlas of Brazil Project. The universe of religion and beliefs proved to be quite fruitful for the use of euphemisms, since the referent devil was replaced by more attenuating expressions, such as devil, antichrist, prince of darkness, little devil, beast.
KEYWORDS: Lexicon. Euphemism. Religion and Beliefs

Introdução

> *Diabo sempre foi uma palavra um tanto ou quanto misteriosa, diabólica mesmo. O jeito que houve foi inventar outras palavras para que o nome do demônio, do satanás, do diabo não fosse pronunciado. Começaram abreviando o nome: "diá", "demo", "satã". Depois criaram corruptelas da palavra: "diacho", "diangas"*. (Souto Maior, 1975, p.174)

Os eufemismos fazem parte da comunicação cotidiana dos falantes nas diversas esferas da vida social e vem despertando o interesse de muitos pesquisadores na contemporaneidade. No campo linguístico, o eufemismo tem sido estudado como um recurso importante, que é utilizado pelos falantes com a intenção de suavizar, atenuar ou interditar alguma palavra ou expressão considerada ofensiva, grosseira, desagradável, imoral ou preconceituosa, podendo ser produzidos desde as situações de cortesia verbal, em que há a necessidade de utilização de uma linguagem "politicamente correta" até situações sociais que envolvem aspectos sentimentais como doenças e morte.

[1] Doutora em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Professora Associada de Língua Portuguesa da Universidade Federal da Bahia. E-mail: gbdcosta@ufba.br

Os elementos lexicais de uma língua não apresentam apenas aspectos eminentemente linguísticos, representam também os valores sociais, culturais e até mesmo religiosos de uma comunidade. Sendo assim, os eufemismos estão ligados a aspectos culturais importantes, que podem induzir o falante a substituir determinados itens lexicais considerados agressivos, ofensivos, repulsivos ou até mesmo sagrados. Desse modo, a substituição lexical pode ser motivada por diversos componentes do mundo psicossocial, como pudor, medo, censura, vergonha, decoro.

Os elementos do universo mágico-religioso constituem-se em uma fonte profícua para a produção de eufemismos, pois muitos nomes religiosos, como *Deus* ou *diabo*, trazem consigo uma carga simbólica e cultural que reforçam o medo e o temor que existem sobre estas figuras espirituais ao longo da história da humanidade. Os sistemas de crenças e valores morais e religiosos de uma sociedade ou grupo identitário determinam certas condutas linguísticas, que impactam sobre as escolhas lexicais dos indivíduos.

A construção simbólica do *diabo* enquanto uma entidade que representa o mal vem sendo propagada e reforçada historicamente através de diversas crenças religiosas, mas, principalmente pelas de origens cristãs e criou raízes profundas no imaginário e na cultura popular. As expressões linguísticas utilizadas para nomear "este ser" também são reflexos das imagens e formas produzidas para o *diabo* ao longo da história, a partir de elementos mágicos da própria religiosidade e do universo sociocultural.

O componente cultural contribuiu, por um lado, para desenhar a figura do *diabo* no imaginário popular e, por outro lado, para instituir a riqueza de construções linguísticas que designam essa figura mágico-religiosa. Muitas dessas representações linguísticas para nomear "o ser que está no inferno" buscam amenizar o medo e o temor do homem diante da figura do mal e, mais especificamente, do nome maldito.

O sentimento de medo causado por determinadas entidades do mundo sobrenatural pode produzir uma espécie de censura sobre esses nomes. Assim, o indivíduo esquiva-se de utilizar o nome temido e o substitui por outras formas linguísticas que parecem ocultar a realidade interdita. Desse modo, o eufemismo é utilizado como uma estratégia de substituição linguística com a finalidade de suavizar ou atenuar a palavra proibida ou censurada.

Conforme Costa (2016), essas palavras proibidas são, em geral, substituídas por outras, já que os indivíduos evitam utilizá-las, e, em seu lugar, abundam eufemismos que se encarregam de diminuir o mal-estar causado pelo uso das expressões reprovadas culturalmente.

O objetivo desse texto é analisar as variantes eufêmicas utilizadas pelos informantes do Projeto Atlas Linguístico do Brasil para denominar o referente *diabo*, partindo-se do pressuposto de que o item lexical tomado como objeto de investigação é considerado uma grande fonte de tabu na sociedade brasileira. Sendo assim, os falantes tendem a utilizar diversas estratégias para substituir a lexia tabuizada, dentre estas os eufemismos.

Os dados analisados foram coletados através das respostas dos informantes para a primeira pergunta do questionário semântico-lexical do Projeto ALiB referente à área semântica Religião e Crenças, qual seja: "Deus está no céu e no inferno está?" (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p.37). Neste trabalho, em consonância com o pensamento de Chamizzo Dominguez (2004, p. 45), que considera eufemismos e disfemismos como casos especiais de metáforas, os itens metafóricos e metonímicos também serão incluídos como meios de substituição do vocábulo tabu.

Além da introdução, o artigo contará com uma seção em que se apresentará o conceito de eufemismo sob a perspectiva de diversos autores, ressaltando-se a utilização

desse recurso pelos falantes como uma estratégia para substituir palavras tabus. Na sequência, serão expostas as diretrizes metodológicas para a realização do estudo. Posteriormente, far-se-á a descrição e análise dos dados coletados e, por fim, apresenta-se as considerações finais do trabalho.

O eufemismo como estratégia de substituição do signo tabu

O eufemismo é um fenômeno linguístico que tem despertado o interesse de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, como a filosofia, a psicologia, a sociologia, a antropologia e também é objeto de estudo de vários campos da ciência da linguagem, dentre eles a Dialetologia.

O vocábulo eufemismo deriva do grego *euphemismós*, que, por sua vez, é proveniente do vocábulo *euphemós*, que, grosso modo, significa o que fala bem ou aquele que emite palavras de bom tom. Conforme Crespo Fernandez (2005, p. 63), na sociedade helênica, durante os ritos sagrados e as representações teatrais, esperava-se que os gregos não pronunciassem palavras inadequadas ou de mal gosto e certos conceitos tabus eram renomeados com o prefixo – *eu* – como *Euxine*, para designar Mar Negro, já que ele representava um perigo para a população.

O mundo romano seguia essa mesma tradição vinculando as práticas eufemísticas a diversas superstições e ao desejo de evitar palavras que pudessem atrair alguma desgraça ou maldição.

Para o autor, o eufemismo é um fenômeno extremamente complexo e tem que ser compreendido à luz de diferentes disciplinas, pois não pode ser considerado apenas como um fato linguístico, mas também deve ser analisado como um fato social e cultural, que possui diversos matizes.

No âmbito da ciência da linguagem, vários estudos sobre o eufemismo vem sendo produzidos a partir de diferentes perspectivas, como a semântica, a pragmática, a discursiva, a lexical, dentre outras, e, embora filiados a diversas correntes teóricas, os autores convergem na compreensão de que o eufemismo é um fenômeno dinâmico, heterogêneo e flexível.

As definições sobre eufemismo distinguem-se quanto à consideração da realidade linguística, social e cultural do fenômeno. Assim, há aquelas que se concentram nos aspectos linguísticos, outras que se dedicam aos aspectos extralinguísticos e ainda as que defendem o eufemismo como um fato pragmático.

Dentre os autores que consideram ser necessário tratar o eufemismo como uma questão puramente linguística, pode-se citar o célebre filólogo e linguista espanhol Ricardo Senabre, que em um importante artigo intitulado *El eufemismo como fenómeno linguístico* defende o estudo do eufemismo a partir de aspectos eminentemente linguísticos. O autor afirma que o termo eufemismo engloba uma série de manifestações linguísticas cuja causa psicológica é a interdição, entendendo como interdição a pressão externa ou psicológica que aconselha evitar o uso de determinadas formas linguísticas.

Para este linguista, é necessário fazer a distinção entre o eufemismo, considerado como o fenômeno linguístico mediante o qual se evitam algumas palavras ou se substituem por outras e o substituto eufêmico que seria propriamente o termo que se utiliza no lugar do outro.

Senabre (1971, p.162) também defende que a interdição, enquanto motivação para a ocorrência do eufemismo, deve interessar mais ao psicólogo e ao sociólogo, enquanto o eufemismo é que seria o fenômeno propriamente linguístico.

Em seu enfoque sobre as características linguísticas do eufemismo, o autor assinala que uma das características deste fenômeno é sua instabilidade, haja vista que o

uso eufemístico supõe uma escolha linguística. Sendo assim, essa seleção sobre o item lexical utilizado para substituir o termo tabu pode apresentar divergências por parte dos falantes e, mais que isso, pode apresentar conotações diferentes de acordo com o uso que se faça em cada grupo social.

Essas divergências tanto podem estar relacionadas ao item lexical objeto do tabu ou objeto da interdição linguística, quanto podem estar associadas aos itens lexicais escolhidos para substituir o termo tabuizado ou interdito.

Em sua análise linguística sobre o eufemismo, Senabre faz várias distinções importantes e contesta algumas análises que veem o eufemismo como casos de renovação vocabular ou de jargões. Para ele, essas associações não podem ser aceitas, pois na renovação vocabular descarta-se um termo para se substituir por outro, enquanto no caso do eufemismo nem sempre é utilizado uma nova palavra. Em relação ao jargão, também não haveria correspondência com o eufemismo, pois o jargão refere-se a um sistema linguístico convencional utilizado por um grupo de pessoas que não desejam que os demais os compreendam.

Reforçando a sua defesa para que se estabeleça uma caracterização linguística do eufemismo, o autor o enquadra como sendo uma parte do fenômeno da sinonímia, já que, em um determinado momento, dois termos significam a mesma coisa, embora não exista uma identificação completa com a sinonímia.

Ele realiza uma análise comparativa dos dois processos, tanto no plano sincrônico quanto no plano diacrônico, concluindo que o eufemismo é mais instável e transitório que a sinonímia, fato que pode ser comprovado pelas divergências existentes entre os falantes sobre os substitutos eufêmicos para os itens lexicais interditos. A partir disso, o autor empreende a sua definição de eufemismo como um sincretismo lexical solucionável, produzido no plano do conteúdo e no nível do emissor, e do qual apenas se manifesta o termo extensivo ou não marcado.

A corrente de estudos que defende o eufemismo como um fenômeno motivado por fatores extralinguístico parece ser a que encontra maior eco na perspectiva contemporânea dos estudos linguísticos. Nesse sentido, os aspectos socioculturais teriam um papel importante para o entendimento das causas que leva o falante a substituir um item lexical interdito.

Ullmman (1964, p. 407) considera o fenômeno como o substituto inofensivo que se introduz para preencher o vazio deixado pelo tabu, o qual é produzido por uma motivação psicológica (medo, decência ou delicadeza). Para o autor, quando um nome tem o significado desagradável, ele pode ser rejeitado e exprime-se a mesma ideia por um eufemismo.

Crespo Fernandez (2005, p. 66) adotando um tom moderado para a discussão, defende que as definições mais adequadas para o eufemismo devem levar conta não apenas critérios exclusivamente linguísticos ou sociais, mas considerar critérios pragmáticos, dada a natureza discursiva e contextual do fenômeno.

Para o autor, o eufemismo deve ser definido como um fenômeno discursivo, pois os fatores sociais e linguísticos que o constituem se atualizam no âmbito de um determinado contexto ou situação pragmática. Sendo assim, poder-se-ia entender o eufemismo como o processo que, dentro de um contexto discursivo, permite romper as associações que se estabelecem entre o tabu e seu referente por meio de um ato de fala que, como substituto eufemístico, atualiza a intenção de desfazer o tabu.

Nesta definição, o autor traz à lume alguns aspectos que caracterizariam a natureza pragmática do eufemismo e são fundamentais para o entendimento da relação entre eufemismo e tabu linguístico:

- A aceitação do tabu como realidade psicológica e social que gera a substituição eufêmica;
- A distinção entre o eufemismo como processo e a unidade léxica ou substituto eufêmico;
- A defesa de que é através da intenção comunicativa que se dá a concretização do eufemismo.

Sendo assim, para que um item lexical seja identificado como um eufemismo, é necessário que ele cumpra algumas funções, como ter uma conotação mais positiva e agradável que o termo tabu e ser entendido tanto de acordo com seu significado original quanto com relação ao seu significado eufêmico.

As definições expostas aqui neste texto convergem para a ideia de que o eufemismo está relacionado a aspectos culturais, sociais, contextuais e linguísticos. Ele atua sobre o conteúdo semântico de uma palavra, a partir de diversos recursos associativos, de forma que, de acordo com o contexto e com a situação comunicativa, a palavra pode gerar um novo significado.

Além disso, depreende-se também que existe uma estreita relação entre o eufemismo e o tabu linguístico, haja vista o fato de que as substituições de caráter eufêmico, geralmente, são utilizadas para neutralizar ou evitar o uso do termo tabu. Sendo assim, os nomes proibidos ou censurados socialmente são trocados por outros mais aceitáveis, através de recursos linguísticos como os eufemismos.

Os tabus e, portanto, seus substitutos eufêmicos estão presentes em todas as sociedades e culturas desde as épocas mais remotas até a contemporaneidade. Os estudos sobre tabus e eufemismos mostram que os elementos ligados ao universo da religião e das crenças são uma grande fonte de tabus linguísticos. A principal motivação para o tabu ligado à figura do *diabo* parece ser o medo dessa entidade maligna, que é reforçado através das ideias e símbolos retratados pela cultura religiosa cristã e pela cultura popular.

A crença na magia e no poder das palavras faz com que muitos falantes acreditem que existe uma relação secreta, uma identificação mágica entre o nome e a coisa nomeada, a ponto de acreditarem que o nome pode trazer consigo a própria coisa nomeada. Sendo assim, evitam utilizar o nome perigoso ou maldito e, em seu lugar, empregam outros termos mais suaves e menos grosseiros, como se a substituição pudesse diminuir o mal que pode ser causado pelo ser nomeado.

O tabu relacionado ao referente *diabo* costuma produzir diversos eufemismos baseados, principalmente, nas crenças e nos símbolos religiosos e culturais que são transmitidos de geração a geração.

A seguir, far-se-á a exposição dos princípios metodológicos adotados no estudo.

Procedimentos metodológicos

A amostra constituída para esta pesquisa considera os dados provenientes das respostas de 76 informantes da região Nordeste do Brasil à questão 147 - “Deus está no céu e no inferno está...?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 37) do Questionário semântico-lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Na metodologia utilizada em todo o *corpus* do Projeto ALiB, são considerados quatro falantes por localidade, quando se trata de cidades do interior, e oito falantes por localidade, quando são consideradas as capitais dos estados, já que, além de informantes com o nível fundamental de escolaridade, nas capitais também foram considerados informantes com nível universitário de estudo. Os participantes da pesquisa foram distribuídos por faixa etária e sexo, variáveis sociais controladas pelo Projeto ALiB nas localidades do interior.

Assim, foram analisados os registros das gravações realizadas com informantes distribuídos em dezessete pontos de inquéritos, situados em dois estados da região Nordeste, conforme detalhado no quadro a seguir:

Quadro 1: Pontos do Projeto ALiB utilizados no estudo

Estado	Nº de Pontos	Quantidade de informantes
Piauí	05 pontos	24 informantes
Ceará	12 pontos	52 informantes

Fonte: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Elaborado pela autora.

As análises realizadas para este estudo priorizaram a dimensão qualitativa dos dados. Nesse sentido, buscou-se em um *corpus* oral de cunho geolinguístico, o registro de itens lexicais eufêmicos coletados como respostas para a pergunta sobre "o ser que está no inferno".

A seguir, apresentam-se as designações utilizadas pelos informantes para nomear o referente *diabo*, registrando-se a variação lexical da língua portuguesa em dois estados do nordeste brasileiro. Serão apresentadas as unidades eufêmicas presentes no repertório linguístico de falantes, com base no que registram os dados do Projeto ALiB.

Análise dos itens lexicais eufêmicos registrados nos dados do Projeto ALiB

A primeira pergunta da área semântica Religião e Crenças do Questionário semântico-lexical do Projeto ALiB busca apreender as designações dadas pelos falantes para a lexia *diabo*, por meio da pergunta: "Deus está no céu e no inferno está...?" (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 33).

A análise dos eufemismos apreendidos por meio dessa questão dar-se-á a partir das respostas dos informantes de cidades localizadas em dois estados nordestinos: Piauí e Ceará. Os dados revelam a utilização uma gama variada de lexias para nomear o referente *diabo: adversário, anticristo, besta, besta-fera, bicho ruim, capeta, capetinha, cão, capiroto, coisa ruim, demo, demônio, demonho, diabo, inimigo, lúcifer, maldito, salafrário, satanás.*

Como se pode observar, diversos itens lexias com teor eufêmico foram empregados pelos informantes para denominar a lexia *diabo*. O universo mágico-religioso e a cultura popular costumam representar essa entidade sobrenatural a partir de características extremamente negativas, apresentando-a como a principal responsável por todas as maldades que acontecem no mundo e na vida das pessoas.

A disseminação de diversos mitos, crenças e superstições sobre o *diabo* contribuiu para intensificar o medo em torno dessa figura e do nome que a representa, o que justifica a proliferação de itens lexicais eufêmicos que identificam esse elemento religioso.

Conforme Monteiro (1986, p.15), o eufemismo é uma das principais estratégias utilizadas pelos indivíduos para amenizar a ideia negativa ou a desaprovação social com relação a algumas palavras tidas como inconvenientes ou imorais. Para ele, a superstição ou o medo que algumas palavras produzem nos indivíduos também podem levar a substituições eufêmicas, o que atenuaria o impacto produzido pela lexia temida.

Por outro lado, os dados obtidos nos inquéritos do ALiB também nos mostram que, muitos desses nomes substitutivos para a lexia *diabo*, ao invés de diminuir a carga negativa que existe sobre este "ente sobrenatural", atuam no sentido contrário, reforçando características ofensivas ou depreciativas para o referente, o que pode ser denominado

como disfemismos, a exemplo destas variantes coletadas no *corpus* em estudo: *besta-fera, bicho ruim, cão, capeta, coisa ruim, maldito, salafrário, satanás*.

Para Crespo-Fernandez (2005, p.152), o disfemismo apresenta a mesma função básica que o eufemismo, já que permite aos falantes um leque de possibilidades para referir-se de forma pejorativa a certas realidades, apoiando-se em uma linguagem figurada para atualizar os semas mais ofensivos do signo tabu.

Tanto os eufemismos quanto os disfemismos são recursos linguísticos que se apoiam na linguagem figurada para cumprir suas funções, qual seja, a substituição da palavra-tabu. A diferença entre os dois concentra-se no fato de que, enquanto os substitutos eufêmicos são representados por palavras que atenuam a carga negativa da lexia-tabu, os substitutos disfêmicos reforçam essas características ofensivas.

Os eufemismos são concretizados através de diversos recursos disponíveis na língua e utilizados pelos falantes para obter a finalidade desejada de atenuar ou reforçar a conotação negativa do referente. Esses recursos para a formação dos eufemismos podem ser provenientes do nível formal ou do nível semântico da língua: fonético, morfológico, lexical, sintático, semântico.

Os autores adotam diversas classificações para classificar os recursos de formação do eufemismo. Senabre (1971, p. 186) faz a distinção entre os eufemismos denotativos e o não-denotativos. Os primeiros referem-se àqueles itens lexicais que, antes de adquirir o valor de substituto eufêmico, já existiam na língua com outro significado, que foi perdido e substituído pelo significado do termo submetido à interdição. Já os segundo seriam deformações da palavra vedada e manteriam seu lexema ou parte do lexema, de tal modo que a palavra seria reconhecida.

Para cada um desses grupos, o autor expõe mecanismos diferentes para a formação dos eufemismos. Para os denotativos, os recursos são: semelhanças fônicas, transplantes, circunlocuções, e para os não-denotativos adição de sufixo, mudança de sufixo, supressão de sufixo.

Para este trabalho, seguiremos a orientação proposta por João da Silva Correia (1927, p.463), pioneiro no estudo sobre a formação dos eufemismos na língua portuguesa, com seu trabalho *O eufemismo e o disfemismo na língua e na literatura portuguesa*. Para este autor, os principais processos eufemizantes podem acontecer nos diversos níveis da língua: lexical, fonético, morfológico, sintático, estilístico e semântico, além de através de recursos auxiliares da linguagem, como o tom de voz, os gestos, as tosses.

A questão 147 do questionário semântico-lexical do Projeto ALiB, que busca apreender as denominações dadas pelos informantes para a lexia *diabo* através da pergunta “Deus está no céu e no inferno está...?”, registrou diversas lexias eufêmicas e disfêmicas utilizadas como respostas para a pergunta realizada. Os recursos linguísticos utilizados pelos informantes do estado do Piauí para a formação de eufemismos foram:

- variação fonética: *demonho*;
- termos genéricos: *adversário, inimigo*;
- redução: demo
- personificação: o *cão, o salafrário*;
- formas derivadas: capetinha
- metalexismos qualificativos: *bicho ruim*, *coisa ruim* – disfemismos denotativos
- metonímia: *capeta, chifrudo*;
- metáfora – *besta, besta-fera*
- mudança no tom de voz: muitos informantes abaixaram o tom da voz para pronunciar as palavras *diabo, demônio*.

- Risos: alguns informantes demonstraram um certo nervosismo, explicitado através de risos.

A seguir, serão expostos os excertos de algumas entrevistas, em que se poderá verificar o contexto de obtenção dos dados:

(1) INQ. – Deus está no céu e no inferno está...?
INF. – *O diabo*.
INQ. – Dizem por outros nomes?
INF. – *O demônio* (com voz muito baixa).
INQ. – Ham?
INF. – *O demônio* (risos).
INQ. – Fale alto para eu escutar bem aqui.
INF. – *O cão* (risos).
(Inf. homem, faixa etária 2, nível fundamental, Piripiri-PI)

(2) INQ. – Deus está no céu e no inferno está...?
INF. – *O diabo*.
INQ. – Tem outros nomes?
INF. – *O cão, o capeta, o salafrário* (risos).
INQ. – Que mais?
INF. – Tem tantos nomes pra esse aí? (risos).
(Inf. mulher, faixa etária 2, nível fundamental, Piripiri-PI)

(3) INQ. – Deus está no céu e no inferno está...?
INF. – *O diabo*.
INQ. – Tem outros nomes?
INF. – *O inimigo, o adversário.*
(Inf. mulher, faixa etária 1, nível fundamental, Picos-PI)

(4) INQ. – Deus está no céu e no inferno está...?
INF. – O *cão*.
INQ. – Tem outros nomes?
INF. – *O satanás, coisa ruim* (risos)
(Inf. mulher, faixa etária 2, nível fundamental, Russas-CE)

Conforme se pode observar nos trechos das entrevistas, alguns informantes parecem sentir-se desconfortáveis para responder à questão 147 do QSL. Ao serem perguntados sobre o ser que "está no inferno", é possível notar uma dificuldade e até mesmo uma interdição que muitas pessoas fazem sobre termos ligados ao campo religioso, como o item lexical *diabo*. Alguns informantes manifestam reprovação, censura sobre os nomes, outros ficam intimidados ou envergonhados para pronunciar os itens solicitados, conforme se observa no exemplo 5. A perspectiva moral e religiosa dá origem a uma espécie de interdição que se faz sobre alguns itens lexicais. Assim, evita-se enunciar termos considerados grosseiros ou malditos, substituindo-se por palavras menos agressivas ou maléficas.

Segundo Souto Maior (1975), a causa pela abundância de eufemismos para designar o *diabo* foi o medo que se tinha antigamente de pronunciar seu nome. Havia uma antiga crença que dizia não ser bom falar seu nome, pois ele podia aparecer na mesma hora, trazendo infelicidade para a família. Apesar de a lexia *diabo* ser frequente no *corpus*, muitos informantes preferem utilizar, ou pelo menos demonstram conhecer, diversos outros nomes que substituem o referente em destaque. No excerto 3 das entrevistas em destaque, a informante utiliza termos que possuem uma forte ligação com as crenças cristãs, fazendo referência a nomes proeminentes entre os evangélicos e os católicos para denominar o termo tabuizado.

Em diversas passagens da Bíblia, livro sagrado para os cristãos, os itens lexicais *satanás, inimigo e adversário* são utilizados para nomear aquele que se rebelou contra Deus.

> O inimigo, que o semeou, é o diabo; e a ceifa é o fim do mundo; e os ceifeiros são os anjos. (Mateus, 13:39)
> Sede sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar. (I Pedro, 5:8).

Em muitos registros, nota-se a resistência dos informantes em pronunciar o item lexical requisitado pelos pesquisadores, constatada pelo prolongado silêncio após ouvir a pergunta da entrevista. Outro recurso extralinguístico bastante utilizado pelos informantes é o riso, como uma possível demonstração de pudor ou nervosismo em estar tratando de assuntos que podem estar infringindo uma determinada ordem moral, social e religiosa.

> (5)INQ. – Deus está no céu e no inferno está...?
> INF. – (silêncio)
> INQ. – Deus está no céu e no inferno está...? Pode falar?
> INF. – (silêncio)
> INQ. – Qual é o nome? Diga!
> INF. – O *cão*, né? (risos)
> INQ. – Tem outros nomes?
> INF. – É que algumas pessoas não gostam de falar esses nomes, né?
> (Inf. mulher, faixa etária 1, nível fundamental, Tauá-CE)

No excerto apresentado acima, a informante revela que muitas pessoas não gostam de falar esses nomes, ou seja, há uma restrição no uso e até mesmo na pronúncia de alguns nomes religiosos considerados malditos, impuros, pecaminosos. Sendo assim, os eufemismos são utilizados como uma via possível para eliminar ou atenuar a carga negativa expressa pelos itens lexicais censurados culturalmente e religiosamente.

Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo principal analisar a presença de itens lexicais eufêmicos presentes nas respostas dos informantes para a primeira questão da área semântica Religião e Crenças, documentada pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil em cidades da Região Nordeste do Brasil.

A investigação seguiu as diretrizes teóricas e metodológicas da Geolinguística Pluridimensional Contemporânea. Os dados lexicais que integram o *corpus* do trabalho foram coletados através de 76 entrevistas do Questionário Semântico-Lexical realizadas nas dezessete cidades que integram a rede de pontos do Projeto ALiB nos estados do Piauí e do Ceará.

As variantes documentadas demonstraram ser o termo *diabo* uma lexia tabu, pois os informantes, ao responderem à questão, utilizaram muitas formas eufêmicas para substituí-lo, como: *adversário, besta, besta-fera, bicho ruim*, *coisa ruim*, *inimigo*.

No campo religioso, não é raro o falante utilizar recursos eufemísticos como um meio de não proferir ou de amenizar a força de determinadas palavras consideradas pecaminosas ou malditas, as quais são fortemente rejeitadas e, normalmente, sofrem sanção social.

O estudo evidenciou a presença e a produtividade dos eufemismos relacionados a mitos e superstições advindas das crenças religiosas dos falantes, o que justifica a sua

relevância para o conhecimento de importantes aspectos do léxico do português brasileiro e da cultura popular.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

CARDOSO, Suzana. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CHAMIZO DOMÍNGUEZ, Pedro. La función social y cognitiva del eufemismo y del disfemismo. **Revista Panace**, Málaga, vol. 5, nº 15, p.45-51, 2004.

COMITÊ NACIONAL. **Atlas Linguístico do Brasil**. Questionários. Londrina: Ed. UEL, 2001.

CORREIA, João da Silva. **O eufemismo e o disfemismo na língua e na literatura portuguesa.** Lisboa: Arquivo da Universidade de Lisboa, 1927.

COSTA, Geisa Borges da. **Denominações para "diabo" nas capitais brasileiras**: um estudo geossociolinguístico com base no Atlas Linguístico do Brasil. 2016, 212f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura), Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

CRESPO FERNÁNDEZ, Eliecer. **El eufemismo, el disfemismo y los procesos mixtos: la manipulación del referente em el linguaje literario inglés desde mediados del siclo XIX hasta la actualidade**. 2005, 593f. Tese de doutorado, Universidad de Alicante, Málaga, 2005.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Tabus linguísticos**. 2. ed. aum. São Paulo: Ed. Nacional; Curitiba: Ed. da Universidade Federal do Paraná, 1979.

MONTEIRO, José Lemos. As palavras proibidas. **Revista de Letras**, Fortaleza, vol. 11, nº 2, p.11-23, 1986.

SENABRE, Ricardo. El eufemismo como fenómeno linguistico. **Boletín de la Real Academia Española**. Tomo 51, Cuaderno 192, Universidade de Salamanca : 1971, p.175-190.

SOUTO MAIOR, Mario. **Território da danação** : o diabo na cultura popular do Nordeste. Rio de Janeiro : Livraria São José, 1975.

THUN, H. **Atlas linguistique et variabilité**: Introduction à la table ronde. In: XXIIe. CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOLOGIE ROMANES, 1998, Bruxelles, **Actes...**, v. III, Tübingen: Max Niemeyer, 2000. p. 407-409.

ULLMANN, Stephen. **Semântica:** uma introdução à ciência do significado. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.